JAPO

coleção DECADENTISMO

# SAPO

o sexo da PALAVRA

Nestor Vítor

# SAPO

Conto pertencente ao livro

*Signos*
*1897*

Acompanhado de
resenha crítica
de Cruz e Sousa

1ª edição
Uberlândia-MG
2021

Selo Palavra

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2021
Consultor editora: Fábio Figueiredo Camargo
Consultor coleção: Mário César Lugarinho
Prefácio: César Braga-Pinto
Revisão: Fernando Henrique
Projeto gráfico: Antonio K.valo
Estágio: Barbara Caetano

**Catalogação na Publicação - CIP**

V845s Vítor, Nestor.
Sapo / Nestor Vítor. – 1. Ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021.
97 p. : il. – (Coleção Decadentismo)

Conto pertencente ao livro Signos (1897), acompanhado de resenha crítica de Cruz e Sousa.
ISBN 978-65-88010-21-1

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. I. Título.

CDD: B869.3
CDU: 869.0(81*)*

**Elaborada por Gizele Cristine Nunes do Couto – CRB6-2091**

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luiz Mitidieri
Andréa Sirihal Werkema
Antonio Fernandes Jr.
Cíntia Camargo Vianna
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert de Moraes
Eneida Maria de Souza
Emerson Inácio
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Larissa Pelúcio
Leandro Colling
Leonardo Mendes
Luciana Borges
Luiz Morando
Maria Elisa Moreira
Mário César Lugarinho
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Ricardo Alves dos Santos
Telma Borges
Vinícius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1° de janeiro de 2009.

sexo da PALAVRA
O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais
Av. Dr. Laerte Vieira Gonçalves, 466
Santa Mônica
CEP: 38.408-138 | Uberlândia - MG
CNPJ: 33.713.941/0001-21
*Printed in Brazil* / Impresso no Brasil

www.osexodapalavra.com

# Sumário


A coleção Decadentismo
Mário César Lugarinho **11**

Nota do editor
Antonio K.valo **13**

Nestor Vítor, um escritor anfíbio
César Braga-Pinto **17**

Sapo
Nestor Vítor **37**

Signos (Nestor Vítor)
Cruz e Sousa **81**

# A Coleção Decadentismo

Recuperar obras literárias esquecidas é uma tarefa que se aproxima tanto do trabalho arqueológico quanto do detetivesco. Arqueológica porque é preciso "escavar" camadas de textos sobre textos a fim de se encontrar os vestígios do texto procurado, detetivesca porque, outras vezes, é preciso desconfiar daqueles vestígios e distinguir a falsa pista do relato confiável. Agora, se aliamos o esquecimento a outros (maus) hábitos, como a censura, oficial ou não, teremos um quadro ainda mais complexo para aquele que se dedica ao passado porque será preciso vencer os muros da invisibilidade construídos por décadas, às vezes séculos, de silêncio.

Dotados de temas considerados decadentes, notadamente temas relativos à sexualidade, mas não apenas, a *Coleção Decadentismo* propõe questionar o nosso tempo, a nossa cultura, a nossa história. Primeiramente e de forma irônica, a própria maneira de compreender a decadência. Costumes, morais, éticas em ruínas? Ou será que a contemporaneidade não consegue suportar o passado como essas obras nos revelam? Ou seria apenas *decadência* uma forma conservadora de se perceber uma transformação social, cultural, histórica, afinal? Em segundo lugar, longe de se ancorar a uma única forma de decadência, a coleção procura reunir aqueles textos esquecidos, silenciados, invisíveis e censurados e que, por isso tudo, são desconhecidos, mas que, mesmo assim, preservaram a sua potência histórica e cultural. Potência que relativiza a história e a cultura do tempo passado e do tempo presente. E, por fim, perguntar por que a sexualidade incomoda, incomoda-nos e incomoda aqueles que detêm o poder da censura, do silêncio e do esquecimento, num passado qualquer, nesse presente qualquer e continuará, certamente, a incomodar num futuro qualquer.

Prof. Dr. Mário César Lugarinho
Consultor

# Nota do editor

Chegamos ao terceiro volume da *Coleção Decadentismo*, sempre na busca de intercalar obras brasileiras e portuguesas, com um conto retirado de uma obra maior, *Signos*, de Nestor Vítor, livro brasileiro editado originalmente em 1897. Estamos falando de "Sapo", que aqui poderíamos chamar de *pequena novela*, em que o autor cria uma narrativa urbana e metafórica, típica do período que continuamos vasculhando, o entre séculos XIX e XX.

No primeiro volume, *Um homem gasto*, de Ferreira Leal, anunciávamos se tratar da possibilidade do "primeiro romance homossexual editado no Brasil" que nos faz refletir sobre qual seria a grande questão desse "primeiro". Assim como no segundo volume, *O barão de Lavos*, de Abel Botelho, continuamos refazendo esse "imaginário dos princípios" também em Portugal. Nunca é demais repetir que, primeiramente, resgatar tais obras nos mostra o quanto essas produções artísticas sofreram desdém por conta da crítica e das distribuições, fazendo com que fossem simplesmente renegadas. Depois, de um modo bem sutil, mostramos em pleno século XXI que já estávamos aqui muito tempo antes. E se algo tem o poder de ajudar as próximas gerações, é ter a ideia de pertencimento a algo maior.

Essa coleção só é possível pelas parcerias com grandes pesquisadores, como é o caso do professor Dr. Mário César Lugarinho, consultor desta coleção, que tanto contribuiu para que ela ganhasse corpo, e do professor Dr. César Braga Pinto, que assina o prefácio crítico desta edição, assim como é responsável por nos trazer este texto, fazendo com que a coleção vá ganhando corpo. A ideia continua a mesma: a de suprir o mercado editorial brasileiro com a literatura da virada do século XIX para o XX, com o desejo por textos deste período, criando uma ponte Brasil – Portugal, nos fazendo crer que é possível seguir adiante com o projeto.

Falar deste período é um anseio de muitos. Primordialmente da editora, que desde sua concepção pretende abarcar este período entre séculos e seus desmembramentos na área de gênero e sexualidade.

Oriunda de projeto de pesquisa realizado pelo prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo, *O Sexo da Palavra* – Projetos Editoriais, se propõe a publicar os textos reconhecidos como apagados da história literária, que fazemos também em outras coleções. Há em nós um incômodo com o desaparecimento de certos textos, e para tal, trabalhamos para que eles voltem a circular, sempre em edições dedicadas a um design contemporâneo que dialogue com o público leitor atual. Ainda existem muitos "primeiros textos produzidos em língua portuguesa" que pretendemos colocar em pauta, um a um eles vão aparecendo e ganhando forma.

Aqui, o propósito é mais específico e tem por vontade investigar estes textos considerados decadentes, que mostram uma urbe em transformação, o avanço da tecnologia e o distanciamento do homem da natureza. O ser humano em transformação, com seus questionamentos frente a uma patologização da sexualidade, é fator de busca nesta coleção, que também tenta abarcar as artes como um todo e seu reflexo nesta sociedade que vê na ciência fator de modernização. O homem urbano, a cidade e o homem.

Para esta edição fizemos a atualização da ortografia conforme o novo acordo ortográfico aprovado no Brasil em 1995, mantendo as expressões raras do vocabulário da época, as quais trazem muita expressividade ao texto, algumas bastante rebuscadas.

Não existe forma mais justa e afetuosa de agradecer a todos os envolvidos do que oferecer o livro pronto. A feitura de cada um deles é um processo de imersão que se pretende admirado e consumido. Então, para tal, sem mais delongas, é com muito prazer que vos apresento o terceiro volume da *Coleção Decadentismo*, *Sapo*.

Sejam, mais uma vez, todes bem vindes.

Antonio K.valo
Editor-chefe

# Nestor Vítor, um escritor anfíbio

César Braga-Pinto

A biografia de Nestor Vítor (1868-1932) compartilha de duas épocas distintas, e, no entanto – ou talvez por isso mesmo –, o escritor parece sempre se situar um pouco fora de seu próprio tempo. Apesar de nascido praticamente no mesmo ano que Adolfo Caminha (1867-1897) – o conhecido autor de *Bom crioulo* (1895) que, tendo morrido precocemente aos 30 anos, permaneceria lembrado como um típico escritor naturalista do século XIX –, Nestor Vítor sobreviveu a ele três décadas, tendo vivido exatos 32 anos em cada século. Assim, é possível identificar nele dois perfis relativamente distintos: o do escritor de poesia e ficção da primeira fase – período em que escreve e publica a novela "Sapo", de 1897 –, geralmente associado ao movimento Simbolista; e, na segunda fase, o do primeiro e maior crítico do movimento, responsável por haver resgatado Cruz e Sousa da obscuridade.

Muito menos reconhecido do que os da tríade crítica constituída por Araripe Júnior (1848-1911), José Veríssimo (1857-1916) e Sílvio Romero (1851-1914), que lhe é quase contemporânea, o nome de Nestor Vítor ficaria lembrado primeiramente como o maior crítico do simbolismo brasileiro. No entanto, ele também assistiu às transformações que precederam o movimento modernista da década de 1920 e participou delas ativamente, como mostram os textos coligidos em *Cartas à gente nova* (1924), em que reúne cartas escritas – enviadas? – a escritores que, como diz o autor, sucederam sua geração, mapeando criticamente, e sem muita bajulação, boa parte da produção intelectual entre 1909 e 1922, hoje um tanto esquecida e obscura. Dos nomes que permaneceram, destacam-se desde a poesia e ensaística de autores espiritualistas, como Jackson de Figueiredo, Tasso da Silveira e Andrade Muricy, até a primeira produção poética de nomes posteriormente associados ao Modernismo, como Manuel Bandeira (*A cinza das horas*, 1917), a qual define como oscilando "entre a dolência enfermiça, desalentada, e uma ânsia de vida comovedora,

mas ao mesmo tempo de bom augúrio" (*Obra crítica,* v. II, 1973, p. 84); sobre Menotti del Picchia e seu poema *Moisés* (1917), diz faltar "desenvolver mais os instintos ou qualidades de intuição que o verso requer para ser verso propriamente dito" (1973, p. 87); logo depois, sobre *Juca Mulato* (1917), declara representar "uma audaciosa e difícil enxertia da poesia popular com a de alto coturno" (1973, p. 90); quanto a *Urupês* (1918), de Monteiro Lobato, lamenta a sua "intenção consciente [de] fazer com ele guerra ao caboclo, acreditando que este seja uma criatura irremissivelmente inútil, antes apenas prejudicial numa terra progressista" (1973, p. 135); e sobre *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), de Lima Barreto, escreve: "Uma das belezas deste livro é ele não ser nem naturalista, nem de escola, sem tendência moral capaz de conturbar-lhe a ingenuidade, a imparcialidade, a ombridade artística por modo grave" (p. 149). No volume póstumo, *Os de hoje,* predominará ainda o cânone espiritualista, e encontram-se ali também estudos, mais ou menos acertados, mas sempre equilibrados, sobre os *Poemas*, de Jorge de Lima (1927), e uma das primeiras críticas ao *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, o qual julga "lastimável", pois ali "o índio, visto com tão furioso freudismo, torna-se símbolo antecipado da nossa segura bancarrota como povo no correr dos séculos" (v. II, 1973, p. 365). Ainda, durante este período, era tido como o "irmão mais velho" do grupo espiritualista, colaborando em revistas tais como *América Latina* (1919-1920), *Árvore Nova* (1922-1923) e *Terra de Sol* (1924-1925), que dariam origem à primeira fase do grupo, e da revista *Festa* (1927-1929).

As primeiras duas décadas do século XX representam o período de formação do mais importante crítico do movimento simbolista no Brasil. Em 1902, quatro anos depois da devastadora morte de Cruz e Sousa (1861-1898), seu amigo íntimo de quase uma década, Nestor Vítor fixou-se na capital francesa, onde ficaria até 1905 como correspondente de *O Paiz* e do *Correio Paulistano.* Cerca de quatro anos depois de sua volta, começa a redigir o notável *Paris: impressões de um brasileiro* (1911), obra em que se nota uma nítida transição de suas ambições cosmopolitas da virada do século XIX para a crítica voltada a obras e a assuntos nacionais, reunida em publicações cujos títulos demonstram preocupação com a temporalidade e com a historiografia, tais como: *Três romancistas do norte* (1915), *A crítica de ontem* (1919) e *Folhas que ficam* (1920). Além desses, Nestor Vítor publicaria ainda dois opúsculos de ambições filosóficas: *O elogio da criança* (1915), *Farias Brito* (1917) e aquele que, na época, os jornais chegaram – com exagero, por certo – a anunciar como sua obra-prima: *O elogio do amigo* (1921). Em suma, a obra ensaística de Nestor

Vítor merece ser revista, já que sintetiza algumas das principais preocupações que percorrem boa parte do pensamento no Brasil do século XX. Na evolução de seu estilo e de seu pensamento, bastante singulares nas letras nacionais, destaca-se sobretudo uma recorrente preocupação com as tensões entre o nacionalismo emergente e o cosmopolitismo universalista do fim do século. A exigência nacionalista do novo século, de certo modo, acaba por ofuscar a atração e o desejo pela diferença, representados na obra de ambições universalizantes do século dezenove, quando a temática do poeta maldito facilitava uma identificação com o Outro, não somente simbólico, mas também racial e sexual.

# O poeta simbolista

Nestor Vítor dos Santos nasceu em Paranaguá, no estado do Paraná, em 12 de abril de 1868, filho de Joaquim Moreira dos Santos e Maria Francisca Mendonça dos Santos. Em Curitiba, a partir de 1885, seria um estudante de línguas aparentemente medíocre, mas destacando-se sobretudo na cadeira de filosofia. Em 1886, assina um dos seus primeiros textos, no panfleto abolicionista *28 de setembro*, sob o título *A escravidão dos negros*, em que defende a abolição imediata da escravidão, opinião que provocou reação negativa de um dos colaboradores do jornal conservador *Gazeta Paranaense* (5 out. 1886). Em 1887, o rapaz de dezenove anos já era assunto de artigos, poemas e chacotas nos jornais de Curitiba, como *O Santelmo, O Labor* e *A Mocinha*, e aparece no expediente do jornal curitibano *A vida literária*, em que publica seus primeiros poemas: "Tântalo", "Pêsames", "Última", "Ao meu relógio" e "A Casimiro de Abreu (Abrindo a Primaveras)" (*sic.*).

Em estilo típico do julgamento naturalista e pseudocientífico do fim do século, o escritor e jornalista Arthur de Miranda (1869-1950) assim descreve o então jovem de 19 anos: "Fisicamente Nestor Vítor é um tipo inferior de homem baixo, pálido, catuzado [i.e., abatido, adoentado], sem a masculinidade enérgica do sexo" (*Gazeta de Notícias,* 10 out. 1887). Ainda durante este primeiro período, o escritor era exaltado pelos seus conterrâneos como representante da nova geração de literatos paranaenses, ao lado de Rocha Pombo (1857-1933)

– este dez anos mais velho – e Emiliano Perneta (1866-1921), então colaboradores da revista *A Arte: Órgão da Escola de Desenho e Pintura,* na qual, em 1888, publica o poema "Os dous pássaros" (4 mar. 1888). Dentre os outros versos publicados nesta primeira fase, aparecem ainda "O demagogo", dedicado a Emiliano Perneta, em *A República* (5 mar. 1888). Neste mesmo jornal de Curitiba, uma nota anunciara ainda a leitura de dois capítulos de um livro de sua autoria intitulado *Férias peregrinas*, de cujo paradeiro hoje não se tem notícia. Ali também Nestor Vítor publicara o artigo "Colégio Velho" (20 e 27 fev. 1888), sobre a demolição das ruínas de uma igreja mal-assombrada em sua cidade natal.

Em maio daquele ano, Nestor Vítor segue para o Rio de Janeiro a fim de dar prosseguimento aos seus estudos. Dali em diante, torna-se mais escassa sua produção poética, na qual encontram-se poemas como "Dolência", denominado como uma versão – porém irreconhecível – de "O Corvo", de Edgar Allan Poe, publicado pela primeira vez na revista paranaense *A Pena* (16 mai. 1897); "A Caudal" (ago. 1898), publicado no jornal carioca *A Gênesis,* para o qual também colaborava Cruz e Sousa; "Helena", em *A Revista* (set. 1898); "Flor Morta" na *Vera Cruz* (set. 1898); "Turris Erbunea", "Duelo de Opala" e "Os discípulos de Sais", publicados respectivamente nas edições de setembro, novembro e dezembro de 1900 da revista paranaense *Pallivm*; "Incoercíveis", no jornal *Rua do Ouvidor* (25 nov. 1899); e "Matinas" e "Filha Morta" em *A vida,* (fev. 1900). Alguns desses poemas seriam reunidos mais tarde no volume *Transfigurações: 1888-1898,* publicado somente em 1902. Um tema recorrente do livro é o do poeta maldito; ou seja, do ser que é ao mesmo tempo excluído e eleito, como se lê no poema de abertura:

> Arte, oh! Nobre avara! Arca bendita
> Do Escolhido, no mundo!
> Abriga para sempre esta alma aflita
> Em teu seio profundo!
> (De Volta, 1888)

Desta escassa incursão na poesia, reunida no volume, de maior interesse é o longo poema publicado originalmente em 20 de abril de 1898, no aniversário de 1 mês da morte do poeta Cruz e Sousa, em que se leem alguns versos de intensa emoção, como os seguintes:

> Mas é que, assim seguindo atrás de mim, levaste
> Para longe, sem dó, o marco dos meus passos;
> Tenho de ir e de vir onde estás, onde andaste,
> Porque são meus os teus e são teus os meus braços.
> (A Cruz e Sousa, 1898)

Nestor Vítor havia conhecido Cruz e Sousa em sua primeira viagem ao Rio, em 1889, apresentado por Oscar Rosas, no Café de Londres – segundo depoimento de Andrade Muricy –, quando o poeta catarinense estava também de passagem pela capital, como ponto da Companhia Ismênia dos Santos (MURICY, apud VÍTOR, *Obra Completa*, v. I, n/p). Logo depois, volta a encontrá-lo em Santa Catarina, firmando-se a amizade, a partir de 1891, quando se fixa no Rio de Janeiro, para onde o poeta também havia se deslocado. Cinco anos depois, em 1896, consta que Nestor Vítor já havia escrito a monografia *Cruz e Sousa*, que seria publicada somente depois da morte do poeta. Em 1897, ele, por sua vez, dedica a Nestor Vítor os poemas "Canção Negra" e "Piedosa". Em 22 de março de 1898, três dias depois da morte de Cruz e Sousa, a *Gazeta da Tarde* publica na primeira página três sonetos seus sob o título de "Pacto de Almas", também dedicados a Nestor Vítor, "por devotamento e emoção", e entregues a ele antes de sua partida para a estação de Sítio na Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais, viagem que seria o último recurso no tratamento da tuberculose de que fora vítima. Ao chegar lá, escreve imediatamente a seu amigo e protetor, solicitando remessa "urgente" de dinheiro (FARIAS ALVES, 2009, p. 353).

O poeta paranaense foi o primeiro a escrever sobre a morte de Cruz e Sousa: "Era um preto. Foi, no entanto, um intelectual digno e puro, tanto quanto pode ser puro e ser digno um espírito da Arte" (FARIAS ALVES, 2009, p. 356). Na mesma página em que se publicara os sonetos, um rodapé do poeta Orlando Teixeira lamentava o luto deixado entre os membros do grupo – os quais denomina de "malucos", "escorraçados", "raros" – pela morte do poeta, a quem designa como "Artista absoluto", "nevrotado", "preto sublime", "Eleito" e "desditoso". Em 1900, Nestor Vítor publica ainda o inédito *Faróis,* do amigo Cruz e Sousa. Segundo Uelington Farias Alves, quando, em 1901, Nestor Vítor vai passar uma temporada em Paris, leva consigo vários originais do poeta, inclusive *Últimos sonetos*, que publica na França em 1905. Além disso, afirma, teria levado "uma muda de roupa do poeta" e "tinha em casa uma espécie de oratório, onde rezava diariamente e acendia vela pela alma do amigo" (FARIAS ALVES, 2009, p. 373). O biógrafo não revela a fonte, mas consta que, em 1923, Nestor Vítor ainda fazia homenagem ao túmulo de Cruz e Sousa, ao lado de Félix Pacheco, Pereira da Silva e outros amigos e, provavelmente, de familiares do poeta.